

**IMPACTOS DA INSERÇÃO DE MULHERES EM OCUPAÇÕES CONSIDERADAS
MASCULINAS: FRENTISTAS E POLICIAIS FEMININAS DE MONTES CLAROS –
MG**

FERREIRA, Maria da Luz Alves.

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social
Universidade Estadual de Montes Claros
mariadaluz@oi.com.br

Resumo

O texto tem como objetivo analisar os impactos da inserção de mulheres em profissões que são representadas como ocupações masculinas, como as frentistas e as policiais femininas, que exercem suas atividades na cidade de Montes Claros – MG. O intuito foi verificar como estas trabalhadoras representam e são representadas pelos colegas do sexo masculino, quanto às suas atividades profissionais. A perspectiva teórica que ampara este trabalho é oriunda de autores relacionados à Sociologia do trabalho e gênero. Quanto à perspectiva metodológica adotada, utilizaram-se as técnicas quantitativa e qualitativa, o que contribuiu para análises que possibilitaram conhecer as várias nuances das relações sociais de gênero no contexto do trabalho. Os principais apontamentos concluintes foram que as mulheres apresentam, visivelmente, níveis de escolaridade superiores aos dos homens e o paradoxo que se estabelece é que, ainda assim, persistem diferenças importantes de remuneração: os homens recebem salários mais altos do que as mulheres. Assim, pode-se inferir que, apesar dos avanços no mercado de trabalho, das mulheres terem acesso a atividades tradicionalmente tidas como masculinas, em relação às representações sociais, ainda há uma diferenciação entre homens e mulheres, fato que impacta a inserção das mulheres em ocupações “masculinas”.

Palavras-chave: trabalho feminino, relações sociais de gênero, ocupações masculinas e segregação ocupacional por sexo.

Abstract

The text aims to analyze the impacts of inclusion of women in professions that are represented as male occupations such as service station attendants and female officers who exercise their activities in the city of Montes Claros - MG. The objective was to determine how these workers represent and are represented by male colleagues, and their professional activities. The theoretical perspective that supports this work the authors are related to sociology of work and gender. As a methodological approach adopted, we used the technique quantitative and qualitative technique, which contributed to analyzes that allowed knowing the various nuances of the social relations of gender in the workplace. The major points that came up was that women, visibly present levels of education than men and the paradox that is established is that still remain important differences in remuneration: men receive higher salaries than women. Thus, we can conclude that despite improvements in the labor market, women have access to activities traditionally viewed as male activities, in relation to social representations, there is a differentiation between men and women, a fact that impacts the inclusion of women in occupations taken as masculine.

Keywords: female labor, social relations of gender, male occupations and occupational segregation by sex.

INTRODUÇÃO

Este texto foi construído a partir dos resultados da pesquisa “*Ainda precisamos avançar? Os impactos da inserção de mulheres em ocupações consideradas masculinas: as frentistas e as policiais femininas de Montes Claros – MG*” e tem como objetivo analisar os impactos da inserção de mulheres em profissões que são representadas como ocupações masculinas. O intuito é de verificar como as policiais femininas e as frentistas que trabalham nos postos de combustíveis da cidade, representam e são representadas pelos colegas do sexo oposto, quanto às suas atividades profissionais, bem como se, no imaginário dos referidos trabalhadores – homens e mulheres – está havendo uma invasão do território masculino (na Polícia Militar e nos postos de combustíveis) por parte das policiais femininas e frentistas.

A perspectiva teórica utilizada

Os estudos de gênero

A partir do final dos anos 80, uma nova terminologia passou a ser utilizada nos estudos sobre a mulher: estudo de gênero. *Suárez* (2000) situou a categoria gênero entre os polos do essencialismo biológico e do construcionismo social, não optando pela defesa de um ou do outro. Para ela, a literatura em temática optou pela desconstrução do conceito de sexo (como diferença sexual), em favor da construção social do sexo. Assim, o biológico é o primeiro dado e serve para classificar os seres humanos como machos ou fêmeas. Já a construção social, a identidade do gênero masculino e do feminino dependerá de cada cultura. Então, ser homem ou ser mulher não se reduz apenas aos caracteres sexuais, mas, fundamentalmente, a uma série de atributos morais e comportamentais que são socialmente produzidos e compartilhados.

As desigualdades de gênero no contexto do trabalho

Foi, sobretudo a partir da década de 70, marco do crescimento da força de trabalho feminina, que a Sociologia do Trabalho incorporou em suas pesquisas a temática da divisão sexual do trabalho e a discussão sobre a divisão social do trabalho. A partir de então, o trabalho deixa de ser um elemento sem sexo, para se transformar em uma categoria sexuada, ou, como define Souza-Lobo (1991), de dois sexos distintos.

Até o presente momento, as discussões em torno da temática do trabalho feminino, apesar de destacarem a importância da variável sexo como elemento na divisão do trabalho, reforçavam o argumento da diferença biológica e naturalizante como fator determinante das relações de trabalho entre homens e mulheres e, conseqüentemente, afirmavam a inferioridade da mulher no mercado de trabalho (Bruschini, 1997).

Nas últimas décadas, as análises em torno da divisão sexual do trabalho têm incorporado a dimensão do gênero. Esta incorporação apresenta um efeito desmistificador da divisão do trabalho, como uma questão meramente econômica, dividida entre os sexos - masculino e feminino - assumindo que é, além de tudo, uma dimensão simbólica e cultural que só poderá ser satisfatoriamente explicada a partir do uso da categoria gênero.

Em relação ao mercado de trabalho, um aspecto importante é a mudança no conceito do trabalho que, antes dos anos 70, era entendido apenas como trabalho remunerado ou produtor de bens alocáveis ao mercado. Com a incorporação da atividade doméstica, também como categoria analítica, ocorreu a ampliação do debate sobre as várias interfaces do trabalho, ou seja, trabalho realizado para o mercado, trabalho realizado no espaço doméstico, trabalho de homens e trabalho de mulheres.

As discussões na Sociologia do Trabalho passaram a ser feitas em torno de questões como a construção de identidades pelo trabalho, que configurou o trabalho feminino com menor valor real e simbólico em relação ao masculino e também a oposição masculino-feminino. A partir de então, o mercado de trabalho passou a retratar as discriminações sofridas pelas mulheres na esfera pública, incentivando, apesar de algumas mudanças, a persistência da diferença entre o trabalho de homens e mulheres.

Com a inserção das trabalhadoras no mercado, a tendência verificada é a de segregar as mulheres em determinados setores industriais e em algumas ocupações específicas. Por exercerem, na maioria das vezes, funções definidas como menos qualificadas, as mulheres percebem um rendimento menor, sendo sempre mantidas, hierarquicamente, em posição inferior à dos homens e, geralmente, em condições precárias de trabalho. O que se verifica é que, embora as mulheres tenham ocupado determinados espaços importantes, em termos de rendimentos, isso não traduz em alteração. Pois, como afirma Bruschini (1997), a tendência no Brasil é pela persistência das desigualdades salariais entre os sexos.

Com relação à precariedade do trabalho feminino, um aspecto a ser destacado é que, com as mudanças no mundo do trabalho decorrentes da especialização flexível, as mulheres têm sido requisitadas (mais do que os homens) para executarem atividades que exigem habilidades naturalizadas (ligadas aos saberes femininos), como destreza manual, atenção a detalhes e paciência para realizar trabalhos repetitivos. Entretanto, essas habilidades não são consideradas como qualificação, fazendo com que as trabalhadoras continuem sendo submetidas a salários inferiores aos dos homens.

Pesquisas mais recentes, sobre trabalho de mulheres enfatizam o substancial crescimento do ingresso da força de trabalho feminina nos postos de trabalho, mesmo que não caracterize mais uma alternância, devido à interrupção da carreira profissional da mulher, em função da maternidade e retorno após o crescimento dos filhos. Não tem havido, entretanto, mudanças na forma como as mulheres se inserem no mercado, muito menos transformações no sentido de promover a igualdade salarial entre as profissões masculinas e femininas. Verifica-se a presença massiva de mulheres em condições de trabalho precário, sem carteira assinada e com instabilidade no trabalho.

Na verdade, o que se verifica é um paradoxo: por um lado, uma tendência inovadora, que é a conquista de melhores empregos pelas mulheres com maior escolaridade; por outro lado, a predominância dos guetos femininos, ou seja, “ocupações com elevada concentração de

mulheres, bem como de desigualdades salariais entre os trabalhadores de ambos os sexos, mesmo nos bons empregos” (Bruschini e Lombardi, 2003, p.323).

Hirata (1998) defende a tese de que a baixa valorização do trabalho da mulher em relação ao trabalho do homem é relacionada a dois fatores interligados: a divisão sexual do trabalho e as relações sociais entre os gêneros. Sobre a divisão sexual do trabalho, a autora afirma que os homens, ao se representarem e serem representados como os principais executores de outras atividades produtoras de rendimentos, são dispensados do trabalho doméstico; já as mulheres, por desejarem e/ou necessitarem ingressar no mercado de trabalho, têm que fazer a articulação com o trabalho doméstico.

Para Bruschini e Lombardi (2003), os fatores explicativos do aumento da contratação da mão-de-obra feminina são as mudanças ocorridas no país, sobretudo, depois dos anos 70, e que podem ser compreendidas pelas transformações de ordem demográfica, social e cultural, que afetaram não só as mulheres, mas o conjunto das famílias.

As autoras enumeram alguns fatores explicativos em relação à participação das mulheres no mercado de trabalho:

1. A queda da fecundidade, que reduziu o número de filhos por mulher, nas cidades mais desenvolvidas, liberando as mulheres para os postos de trabalho;
2. A expansão da escolaridade (especialmente de cursos superiores), que viabilizou o acesso das mulheres ao mercado de trabalho em novas ocupações;
3. As transformações culturais nos valores relativos ao papel social da mulher, impactado pela atuação do movimento feminista;
4. A alteração da constituição da identidade feminina voltada para o trabalho produtivo, resultante da atuação das mulheres nos espaços públicos.

Para as autoras, o trabalho feminino é marcado por mudanças e persistências. Apontam como mudanças a alteração do perfil de trabalhadoras dos anos 1980, que era composto geralmente por jovens, solteiras e sem filhos, passando a ser integrado por mulheres mais velhas, casadas e com filhos.

Portanto, a responsabilidade de cuidar dos filhos, tradicionalmente reconhecida como atividade feminina, não se constitui mais em empecilho para o ingresso das mulheres nos postos de trabalho. A maior participação pode ser explicada tanto pela necessidade de complementar a renda familiar como pela elevação da escolaridade, que qualifica as mulheres para competirem no mercado, embora persistam ainda piores condições para o trabalho feminino.

Metodologia

No que tange à perspectiva metodológica adotada, a intenção foi combinar as técnicas quantitativa e qualitativa, o que contribuiu para análises que possibilitaram conhecer as várias nuances das relações sociais de gênero no contexto do trabalho. Na parte quantitativa foi feito um levantamento do número de trabalhadores (homens e mulheres) que trabalham na Polícia Militar e nos postos de combustíveis de Montes Claros – MG.

Na parte qualitativa, foram realizados quatro grupos focais com homens e mulheres que trabalham como frentistas e como policiais na referida cidade. O roteiro para a realização dos grupos foi previamente elaborado e as questões versavam sobre aspectos relativos aos objetivos da pesquisa.

O mercado de trabalho em Montes Claros-MG a partir da análise de ocupações “masculinas” preenchidas por mulheres

As categorias utilizadas para analisar as dimensões de gênero dentro do mercado de trabalho e, sobretudo, as discrepâncias salariais e de condições de trabalho entre homens e mulheres foram operacionalizadas neste trabalho pela análise da situação de mulheres com ocupações consideradas masculinas.

O universo empírico da pesquisa foi constituído por policiais militares e frentistas de postos de combustíveis da cidade de Montes Claros-MG.¹ No caso dos policiais, foram selecionadas casualmente pessoas do quadro efetivo da AISP 99 e no que respeita os frentistas, foi feito o levantamento de todos os postos e selecionados aqueles em que constam homens e mulheres trabalhando no atendimento ao público. Os dados ora apresentados e que recebem tratamento quantitativo, quando se trata de traçar o perfil dos entrevistados, foram coletados in loco, através de aplicação de questionário, em fase preliminar à realização da pesquisa qualitativa. Por não adotar, portanto, nenhuma espécie de amostragem probabilística, já que não se intenciona generalizações dos resultados obtidos, o critério de escolha dos sujeitos da pesquisa se deu de forma a proporcionar uma efetiva comparação em relação ao objetivo do estudo, qual seja averiguar as disparidades verificadas entre homens e mulheres no mercado de trabalho, especificamente com relação às mulheres que têm ocupações consideradas “masculinas”.

¹ Não foram considerados os policiais nem os frentistas de todo o município de Montes Claros, mas apenas o que trabalham no perímetro urbano do município.

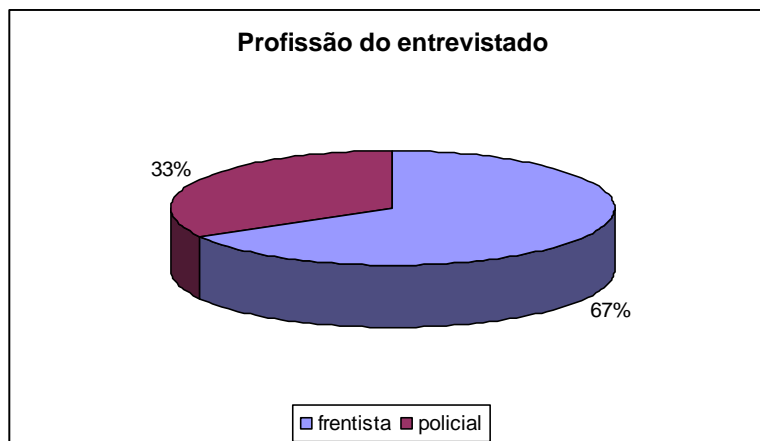


GRÁFICO 1 – Profissão dos entrevistados
 FONTE: Pesquisa de campo – Montes Claros/2010

No gráfico 1 é apresentado o universo de pesquisa, sendo 67% dos entrevistados frentistas – homens e mulheres que atuam no atendimento dos postos de fornecimento de combustíveis – e 33% policiais militares, de ambos os sexos, que integram a Área Integrada de Segurança Pública (AISP) 98. É posto que houvesse um equilíbrio quanto à participação de homens e mulheres na pesquisa, independente do grupo referenciado.



GRÁFICO 2 – Sexo dos entrevistados
 FONTE: Pesquisa de campo – Montes Claros/2010

A participação da mulher no mercado de trabalho sofreu alterações consideráveis nos últimos tempos, sobretudo na década de 1970. Uma questão que merece relevo é que essa inserção não faz com que a mulheres deixem de desempenhar suas funções como mães, donas de casa e principais responsáveis pela administração do lar. Isso pode explicar, ao menos em parte, a complexidade da participação da mulher no mercado do trabalho em comparação com os

homens. O pressuposto de que o número de mulheres no mercado de trabalho tem aumentado é confirmado pelo efetivo policial, como demonstrado pelo gráfico 3.

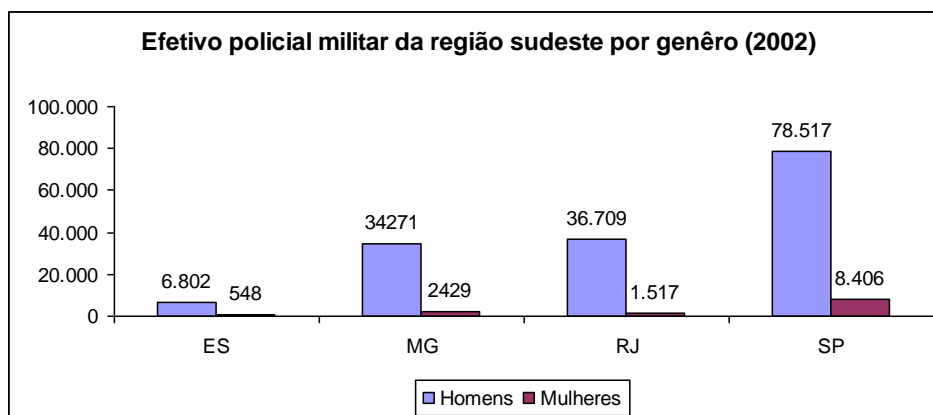


GRÁFICO 3 – Efetivo policial militar da região sudeste por gênero 2002

Fonte: Adaptado de Musumeci e Soares, 2004.

Quando se trata da construção de parâmetros que retratem as nuances da desigualdade de gênero com relação ao mercado de trabalho, a variável educação é tida como parâmetro central para se estabelecer as possíveis relações. Na faixa de nível de escolaridade mais baixa não há nenhuma mulher. Todas, portanto, têm escolaridade superior nessa faixa e entre os homens, 10,5% têm ensino fundamental. No nível médio, é possível perceber que não existe grande discrepância entre homens e mulheres. Com ensino médio incompleto, homens e mulheres perfazem 10,5% e 11,8% respectivamente. Com médio completo, há 47% das mulheres e 57,9% dos homens. Quando se trata de ensino superior, 35% das mulheres encontram-se cursando algum curso e apenas cerca de 5% dos homens estão matriculados nesse nível. Com o curso superior completo, no entanto, não há nenhuma mulher avançando para pós-graduação, há 10,5% e 5,9% dos homens e mulheres como consta no gráfico 3.

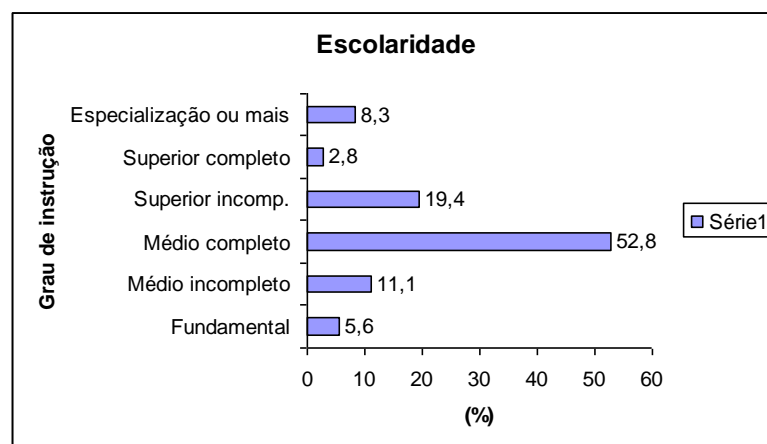


GRÁFICO 4 – Escolaridade dos entrevistados

FONTE: Pesquisa de campo – Montes Claros/2010

Os dados do estudo apresentam a mesma tendência dos dados referentes a todo o país: a verificação de melhores condições das mulheres em relação aos homens em todos os indicadores educacionais. (IPEA, 2008). A questão a ser ressaltada nesse sentido é que a vantagem das mulheres na educação não se traduz em maior ocupação no mercado de trabalho, postos mais qualificados e maiores salários. As intensas disparidades, nesse sentido, evidenciam que o aumento do nível de escolaridade das mulheres não se reverteu em aumento de salários. Mesmo com 15 anos ou mais de escolaridade, os salários das mulheres representam apenas 61% dos salários dos homens (idem).

Ao se comparar escolaridade sobre a ótica da divisão sexual, o que se percebe é uma maioria masculina em quase todos os segmentos, exceto no nível superior onde o percentual feminino chega a ser 6 vezes maior que o masculino.

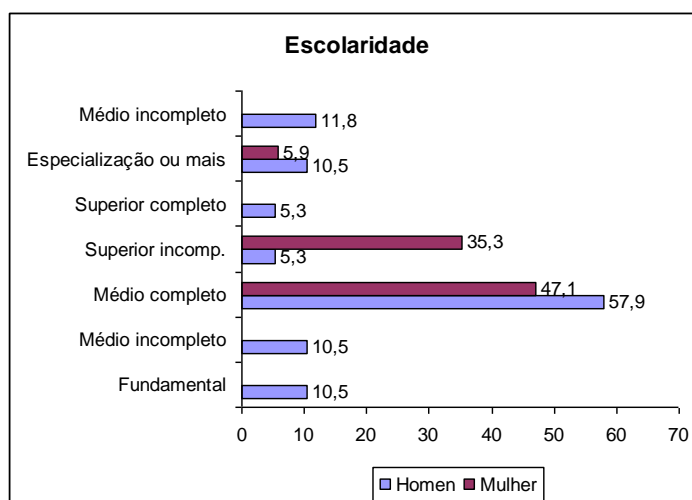


GRÁFICO 5 – Escolaridade dos entrevistados

FONTE: Pesquisa de campo – Montes Claros/2010

Quanto ao estado civil, nota-se uma maioria de solteiros, representando 55% do universo de pesquisa. Apenas 3% declaram união estável e 42% são casados – o que mostra uma equivalência relativa entre solteiros e casados.

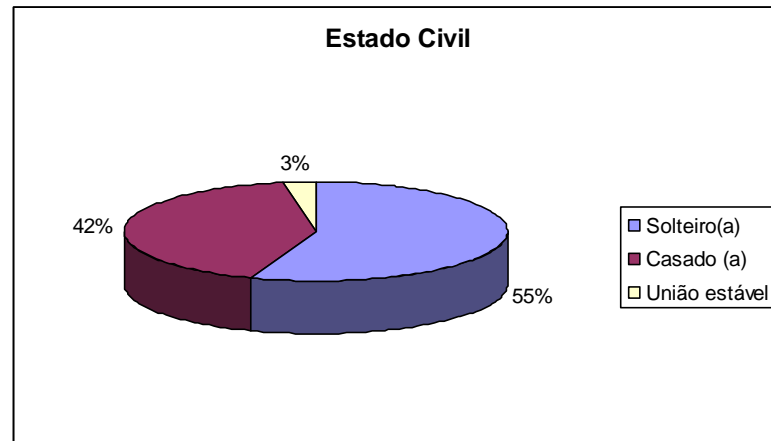


GRÁFICO 6 – Estado civil dos entrevistados
 FONTE: Pesquisa de campo – Montes Claros/2010

Na comparação feita entre sexo e estado civil dos entrevistados o que se apresenta é um número muito maior de mulheres solteiras, representando 70,6% das mulheres da amostra. Quanto aos homens, os casados são maioria apresentando 52,6% dos homens da amostra. Os homens que declararam ter união estável representam 5,3% do total de homens.

Este gráfico representa uma variável dependente da apresentada acima, onde o grupo que declara ser casado aponta se o(a) companheiro (a) tem a mesma profissão. Destes, 44% não compartilham a mesma profissão com seus(uas) companheiros (as) e 14% tem a profissão em comum.

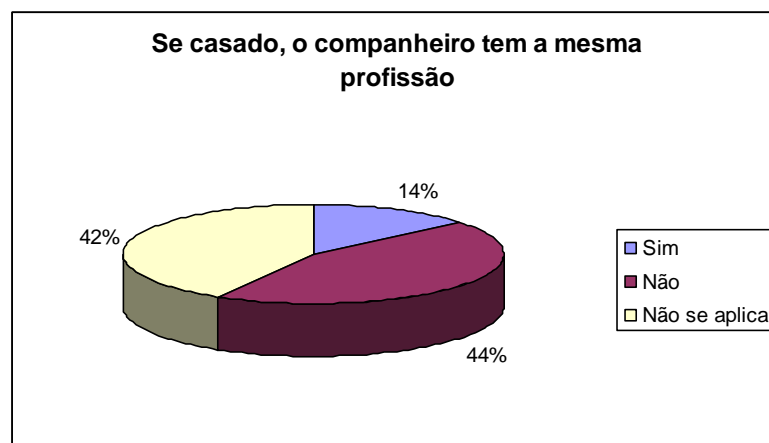


GRÁFICO 7 – Profissão dos companheiros dos entrevistados
 FONTE: Pesquisa de campo – Montes Claros/2010

Em relação ao tempo de trabalho na profissão pesquisada – frentistas e policiais, a maioria declara ter entre 1 a 5 anos de atuação. É notado também que uma parcela representativa tem entre 5 ou mais anos de atuação na profissão atual, sendo 36,1%.

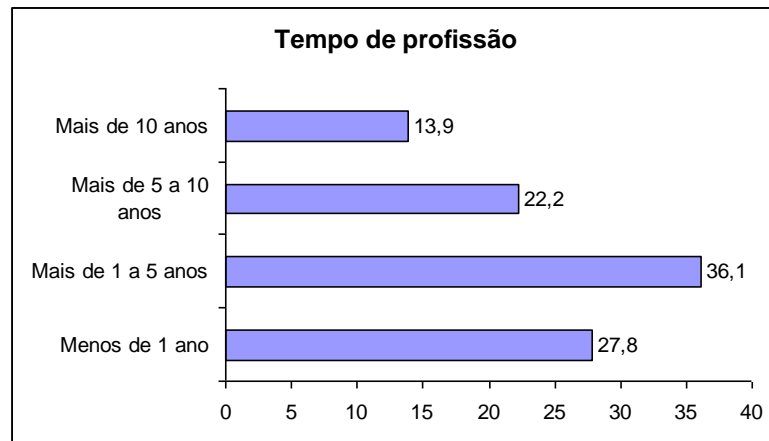


GRÁFICO 9 – Tempo de Profissão dos entrevistados
 FONTE: Pesquisa de campo – Montes Claros/2010

Quanto à ocupação anterior dos entrevistados, a categoria frentista apresenta uma maior variedade de profissões, enquanto nos policiais militares, o que se evidencia é que 50% da amostra não exerceram outra ocupação, enquanto apenas 33% dos frentistas não declaram uma ocupação anterior.

Uma variável considerada para o estudo de disparidade entre homens e mulheres é a ocupação de cargo de chefia. Nos casos analisados, nenhuma mulher, nem policial nem frentista está nessa condição, ao passo que 15% dos homens entrevistados exercem funções de chefia.

Um contraponto que pode ser considerado em relação à ocupação de cargo de chefia é o trabalho doméstico remunerado. Essas ocupações geralmente possuem baixo valor social e são predominantemente de mulheres. Entre a população masculina ocupada, apenas 0,9% de homens exerciam trabalho doméstico remunerado em 2006 no Brasil. Em contrapartida, 16,5% de mulheres exerciam esse tipo de trabalho. Desta forma, é possível afirmar que o trabalho doméstico remunerado ainda se constitui como um espaço de atuação predominantemente de mulheres no Brasil. (IPEA, 2008). As mulheres, portanto, ainda são mais relacionadas ao trabalho doméstico e na produção para próprio consumo e trabalho não remunerado, enquanto os homens ocupam mais postos com carteira de trabalho assinada e de empregador.

Dos profissionais entrevistados, apenas 8% declaram ocupar cargo de chefia. A grande maioria, 92% dos entrevistados, não exerce função de chefia.

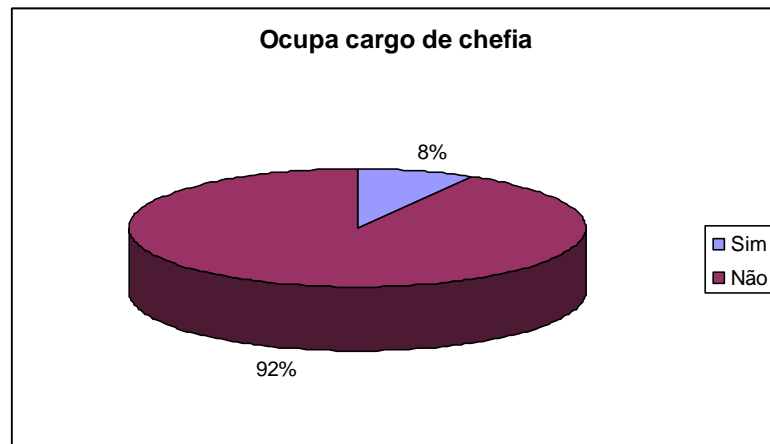


GRÁFICO 11 – Ocupação de cargo de chefia
 FONTE: Pesquisa de campo – Montes Claros/2010

A mulher, ao longo da história, tem ocupado setores no mercado de trabalho que são definidos com sendo majoritariamente femininos, como saúde, principalmente a enfermagem e a educação, por exemplo. Essas ocupações estão relacionadas à dimensão do cotidiano doméstico das mulheres que cuidam dos filhos e administram a casa em geral. Nesses casos, ou seja, nas áreas em que as mulheres são mais presentes, elas chegam a ter uma renda média 25% superior a dos homens. Por outro lado, em se tratando de áreas em que são maioria, os homens chegam a ganhar até 70% a mais do que as mulheres. (IBGE, 2006). Isso indica que a desigualdade de renda apresenta duas faces: elas são verificadas entre as carreiras e dentro das carreiras. Em ambientes profissionais com maioria de homens, as mulheres, via de regra, ocupam posições mais baixas e subordinadas; e, conseqüentemente, recebem salários inferiores.

A média de renda dos homens é de R\$ 1.463,15, enquanto que a das mulheres é R\$ 1.078,76. É importante ressaltar que as rendas foram consideradas em conjunto, o que justifica um alto desvio padrão, já que a renda de policiais é, consideravelmente, superior à dos frentistas.

Quadro 6 - Média de renda dos(as) policiais e frentistas por sexo

	Homem		Mulher	
	Renda familiar	Renda pessoal	Renda familiar	Renda pessoal
Média	1867,89	1463,15	2270,58	1078,76

Mediana	1500	800	1600	700
Desvio Padrão	1172,80	1335,93	1522,23	625,99
Mínimo	600	565	800	550
Máximo	5500	5500	6300	2100

Fonte: pesquisa de campo – abril de 2010.

Considerando a amplitude da renda, nos extremos também temos a mesma tendência: o maior salário de homens, por exemplo, é o dobro do maior salário das mulheres. Assim, isso vem reforçar os argumentos de Bruschini e Lombarde (2007) que as mulheres ainda ganham menos do que os homens, mesmo exercendo as mesmas funções.

Impactos da inserção de mulheres em ocupações consideradas masculinas: frentistas e policiais femininas de Montes Claros – MG

Nesta seção serão apresentadas as visões dos colaboradores dos grupos focais sobre a inserção de mulheres em ocupações que, tradicionalmente, foram reconhecidas como o lugar de homens. Assim, o objetivo é de mostrar como homens e mulheres que trabalham nos postos de combustíveis e na Polícia Militar na cidade de Montes Claros – MG pensam e representam o fato de mulheres estarem se inserindo e exercendo atividades que até a alguns anos atrás eram espaços exercidos apenas por homens.

As visões dos frentistas masculinos e femininos

Quando questionados como se sentem trabalhando com homens ou mulheres na empresa, verifica-se; pelas respostas, que tanto os homens como as mulheres que exercem a função de frentistas nos postos de combustíveis, declararam se sentirem bem trabalhando ao lado de pessoas do sexo oposto ao seu. A maioria deles ou delas considerou que o local de trabalho é um ambiente harmônico e que não existe distinção entre homens e mulheres dentro do espaço do trabalho.

Em relação à capacidade de homens e mulheres nos postos de combustíveis, as falas mostram que, em geral, os homens consideram que todos têm as mesmas capacidades, entretanto, alguns homens ressaltam as qualidades femininas das mulheres na medida em que consideram que as mulheres são mais frágeis, mais criativas, mas ao mesmo tempo, consideram que algumas atividades são pesadas para elas. As falas abaixo são bem elucidativas para se compreender esta questão.

Tem as mesmas capacidades, só que é um pouco diferente devido ser mulher, para mim o trabalho é mais sério, a mulher é muito companheira (colaborador 12 – homem, frentista).

Bem, acho que tem as mesmas capacidades, mas tem um toque feminino na empresa, sobre a limpeza o toque feminino é outra coisa. (colaborador 10 – homem, frentista).

Tem sim, tem as mesmas capacidades, porém a mulher é mais delicada e o homem mais bruto, rústico. (colaborador 18 - homem frentista).

Acho que não. Às vezes tem algum serviço bruto que não serve para mulher. (colaborador 21 - homem frentista).

Tem as mesmas capacidades, porém entra uma questão física e a mulher sente certa dificuldade para estar executando alguma atividade que exige certo esforço físico, no caso dos postos de combustível e mais complicado para mulher pelo fato de elas serem muito assediadas (colaborador 20 – homem, frentista).

Já as mulheres consideram que não tem diferença entre os homens e mulheres em relação às capacidades. Para elas, homens e mulheres têm as mesmas capacidades, mas algumas também consideram que existem algumas atividades que as mulheres não fazem tão bem quanto os homens devido à própria constituição física da mulher que é diferente do homem.

Sim, acho que capacidade a mulher tem como o homem também tem, mas a mulher não pega peso. Então tem que ter agilidade e atenção. (colaboradora 22 – mulher, frentista).

Acho que tem coisas que a mulher não consegue fazer tão bem quanto os homens, por exemplo, a mulher não consegue trocar o óleo como o homem troca (colaboradora 8 - mulher frentista).

Quando questionados se o fato de ser homem ou mulher ajuda ou atrapalha no desempenho das funções nos postos de combustíveis, as falas mostram que os homens se dividem, há uns que acham que ajuda porque as mulheres são mais cuidadosas, têm mais jeito do que os homens para o exercício de determinadas atividades.

Ajuda, mulher é mais jeitosa em certas coisas do que o homem. (colaborador 19 – homem, frentista).

Esse depoimento mostra que ainda persiste no imaginário dos homens que as mulheres são mais preparadas do que os homens para o exercício de atividades que exigem cuidar de determinada coisa ou de alguém. Isso nos remete à teoria de Suarez (2000) quando ela considera que, desde a infância, mulheres e homens são socializados para determinados papéis sociais. Assim como considera também Aguiar (1996), a mulher é socializada para cumprir a função afetiva, de cuidar da casa, dos filhos e familiares. Já os homens são socializados para

cumprir a função instrumental, ou seja, de prover a família de alimentos, vestuários enfim, de todas as necessidades familiares.

É interessante destacar que mesmo com todas as mudanças no mundo do trabalho e conseqüentemente o ingresso de mulheres em postos de trabalho que antes eram preenchidos exclusivamente por homens, ainda persiste no imaginário dos homens lugar social diferenciado para homens e mulheres. As falas abaixo mostram como os homens pensam em relação ao exercício da função de frentista, ou seja, eles consideram que o fato de ser homem ajuda no exercício de suas atividades nos postos de combustíveis.

Não, tanto como no físico como no mental, às vezes homem tem mais vantagem. (colaborador 17 – homem, frentista).

Eu acho que ajuda, porque, por exemplo, sair daqui para abastecer, trocar óleo exige força. (colaborador 22 – homem, frentista).

Ajuda, homem é melhor de serviço do que as mulheres. (colaborador 15 – homem, frentista).

Já as mulheres pensam de forma totalmente contrária aos homens, elas avaliaram que não existe diferença se for homem ou mulher. Argumentam que se a pessoa tiver alguns atributos como ser esforçada e/ou persistente ela dá conta de exercer as mesmas atividades que as dos seus colegas.

Igual, não vejo diferença entre homem e mulher, acho que os dois trabalham bem, é só ser esforçado ou esforçada. (colaboradora 3 - mulher, frentista).

Igual, no serviço aqui na empresa é tranqüilo tanto para homem quanto para mulher (colaboradora 7 - mulher, frentista).

Um dos objetivos da pesquisa ainda era saber se a pessoa (homem ou mulher) era tratada de forma diferente por causa do sexo. Pelas falas dos colaboradores nem os homens e nem as mulheres são tratados de forma diferente por causa do sexo. Tanto eles quanto elas consideram que, embora o atendimento da mulher seja diferente, inclusive pela “delicadeza” da mulher, a questão do sexo da pessoa não culmina num tratamento diferenciado por parte dos clientes.

Não, com relação a clientes, há brincadeiras, mas não há problema algum. (colaborador 17 – homem, frentista).

Não, cada um tem seu valor, é lógico que o atendimento de mulher é diferente, mas ambos são importantes. (colaboradora 23 - mulher, frentista).

Apenas um colaborador do sexo masculino considerou que no exercício da profissão de frentista o homem trabalha melhor do que a mulher. Isso sugere que ele levou em conta a força física que tem que ser usada para o exercício deste tipo de atividade. Embora a literatura sobre trabalho e gênero considere que as mulheres têm ingressado em atividades que antes eram apenas masculinas, o que se percebe é que, na prática, ainda existe uma segregação do trabalho feminino em relação ao trabalho masculino, ou seja, as mulheres ainda são a maioria em ocupações tidas como eminentemente femininas como recepcionistas, secretárias, enfermeiras etc. (Bruschini e Lombarde, 2003).

Não, eu acho que nesta profissão o homem ainda faz um serviço melhor que a mulher. Tem coisas que e a mulher ainda não dá conta de fazer. Não são todas, mas eu vejo ainda uma grande diferença. (colaborador 14 – homem, frentista).

Os policiais masculinos e femininos

Os policiais masculinos relataram que se sentem bem trabalhando com as policiais femininas, eles argumentam que não existe uma grande diferença entre o trabalho de homens e de mulheres na polícia porque todas as pessoas quando vão ingressar passam por testes físicos que são determinantes para o ingresso na corporação. No momento da realização do grupo focal com os policiais masculinos pôde-se observar que estes nutrem um grande carinho por suas colegas mulheres, por isso todos os componentes do grupo relataram que sentem se bem exercendo atividades com as suas colegas. Apenas um policial considerou a força física como um aspecto que limita o desempenho da atividade feminina na Polícia Militar, mas, no geral, as falas que predominam são aquelas em que os homens se sentem confortáveis trabalhando com mulheres como pode ser observado pelos depoimentos a seguir:

Bom, a experiência de trabalhar com policiais femininas é a mesma coisa de estar com masculino, não vejo diferença nisso até mesmo porque o mesmo treinamento que eu recebo ela também recebe. (colaborador 25 - homem, policial).

Na minha opinião antes existia um grande preconceito com a mulher na polícia, hoje não existe este preconceito, o que existe são limitações ao trabalho feminino aqui, mas pelo fato da força física delas, é visto que as mulheres são imprescindíveis neste serviço. (colaborador 26 - homem, policial).

As policiais também relataram que se sentem bem trabalhando com colegas do sexo oposto uma vez que, para elas, existe uma relação de respeito e harmonia dentro da corporação.

Também pela observação durante a realização dos grupos focais, pôde-se perceber que existe uma relação respeitosa entre homens e mulheres no ambiente da polícia.

Sinto-me satisfeita uma vez que, meu ambiente de trabalho é harmônico não havendo distinção entre homens e mulheres. (colaboradora 32 - mulher, policial).

Sinto-me bem já que sou respeitada e valorizada no meio policial. (colaboradora 31 - mulher, policial).

Embora as policiais relatassem que se sentiam bem dentro do ambiente policial e que existia uma relação harmoniosa com os seus colegas homens, uma policial relatou que existem ainda alguns momentos de machismo dentro da corporação como pode ser observado pelo depoimento abaixo:

Me sinto bem, apesar de alguns momentos ainda machistas (colaboradora 31 - mulher policial).

Quando foram questionadas sobre as capacidades de homens e mulheres no ambiente policial, as policiais, em geral, consideraram que tanto homens como mulheres têm capacidade intelectual para o desempenho da função dentro da polícia. Mais uma vez os policiais argumentaram que a mulher é mais atenciosa para passar as informações para os colegas homens. De novo dá para identificar a representação da mulher como um ser carinhoso e atencioso retornando assim a concepção de lugar social diferenciado de homens e mulheres na sociedade como atesta Suarez (2000).

Tem mulheres que desempenham trabalho melhor que homem, um exemplo disso é pelo fato da mulher quando está na rua e precisamos de informação de certo individuo, ela me passa todas as informações e as características necessárias que facilitam o nosso trabalho. (colaborador 26 - homem, policial).

A mulher tem que estar preparada para entrar na polícia, para usar os equipamentos necessários, isso é válido não só para elas, mas também para os homens. (colaborador 30 - homem, policial).

As policiais femininas, mesmo considerando que todos têm a capacidade intelectual para exercerem as atividades dentro do cotidiano da polícia, ressaltam que dependendo do tipo de atividade a ser executada, às vezes, os homens têm mais capacidades para uma determinada tarefa do que as mulheres e o contrário também pode acontecer.

Capacidade intelectual entre homens e mulheres é igual, mas considero a força física diferenciada, por isso para trabalhar da mesma forma irá depender do tipo de trabalho a ser realizado. (colaboradora 31 - mulher, policial).

A tendência é todos trabalharem da mesma forma. E sim temos capacidades diferentes porque somos diferentes. (colaboradora 34 - mulher, policial).

Direcionando a análise para a questão se o fato de ser homem ou mulher ajuda ou atrapalha no desempenho das funções dentro da corporação, os colaboradores do sexo masculino consideraram que não necessariamente atrapalha pelo fato da pessoa ser de um ou do outro sexo, mas por serem pessoas diferentes, isso influencia o exercício das atividades profissionais. Contudo, eles não consideraram isso como um fator negativo, embora existam limitações físicas para as mulheres exercerem determinado tipo de atividades, eles viam isso como um elemento complementar, ou seja, pelo fato de homens e mulheres serem pessoas diferentes, eles se completam, inclusive no cotidiano da atividade profissional.

Totalmente diferente no geral, e mesmo socialmente elas são diferentes. São diferentes homens e mulheres, porém um completa o outro. (colaborador 26 - homem, policial).

Tem que existir mesmo essa diferença. Não é porque ela entrou neste serviço que ela vai mudar, seu estilo tem que existir. Mas mesmo a mulher sendo diferente o tratamento é igual. (colaborador 29 - homem, policial).

Força física entre homens e mulheres é diferente, porém tecnicamente é a mesma coisa. (colaborador 30 - homem, policial).

As mulheres consideraram que o fato de ser mulher ajudava no exercício de suas atividades já que tem atividade que só a mulher pode realizar, como uma busca numa mulher, por exemplo.

Só ajuda, tendo em vista que tem serviço que só uma policial feminina pode realizar como uma busca pessoal em mulheres. (colaboradora 27 - mulher, policial).

Algumas argumentaram também que o fato de ser mulher, às vezes, dificulta o exercício de suas funções já que muitas vezes são vítimas de preconceito pelo fato da sua condição feminina. Uma possível explicação para esta situação pode ser encontrada na literatura corrente sobre a temática das relações sociais de gênero – discutido no referencial teórico deste relatório – que afirma que homens e mulheres são vistos a partir do lugar social definido previamente para ambos pela sociedade. Assim, embora as mulheres estejam ingressando em áreas que antes eram exclusivamente masculinas tais como: engenharia, medicina, policiais, frentistas, elas ainda são reconhecidas e vistas como pessoas cujo lugar social preferencial é o espaço da reprodução e quando estão inseridas no mercado de trabalho, em ocupações masculinas, como é o caso das policiais que colaboraram com os grupos focais, elas vivem esta tensão entre o lugar que estão e o lugar que a sociedade acha que elas deveriam estar.

O fato de ser mulher dificulta às vezes na forma como o problema é resolvido. Em primeira instância somos vistas com preconceito. (colaborador 31 - mulher, policial).

Sim, às vezes somos privadas ou inferiorizadas em determinadas situações. (colaboradora 33 - mulher, policial).

Por fim, em relação à questão se a pessoa é tratada de forma diferente por causa do sexo, as falas demonstram que tanto os homens como as mulheres não veem problemas em conviver e trabalhar com pessoas de outro sexo. Os policiais masculinos consideraram que, no cotidiano do trabalho na Polícia Militar, a relação com as colegas é pautada por respeito e cordialidade por parte dos colegas homens. Eles destacaram que pela especificidade das atividades desenvolvidas, na maioria das vezes, existem muitos casamentos entre policiais, o que de certa forma facilita a relação conjugal entre os policiais que são casados com colegas.

A relação é tão harmoniosa que a maioria das policiais femininas é casada com militares, algumas outras entram casadas e devido o marido não aceitar seu horário de trabalho se separa e acaba se envolvendo com um militar, devido ser da mesma área facilita o entendimento entre eles. (colaborador 26 - homem, policial).

Outro aspecto destacado pelas mulheres no momento da realização dos grupos focais foi a situação de contradição que elas vivem, pois ao mesmo tempo em que são tratadas como mulheres,(inclusive uma colaboradora relatou que sempre foi respeitada e teve a preferência em relação aos homens, em ônibus com cadeiras para se sentar, por exemplo) são vistas como soldados como atesta o depoimento abaixo:

Depende da ocasião. Em relação a preferências ex: cadeiras, passagem sempre me concedem a preferência. Mas como profissional sou vista como um soldado e pela minha capacidade de produção. (colaboradora 32 - mulher, policial).

Um aspecto interessante, a partir dos depoimentos, é que embora as mulheres afirmassem que se sentiam bem trabalhando na Polícia Militar de Montes Claros, que são tratadas de forma respeitosa pelos colegas homens, elas também deixaram transparecer a partir das suas falas nos grupos focais que ainda existem no cotidiano da corporação alguns policiais de sexo masculino que ainda têm preconceito contra mulheres que exercem este tipo de ocupação, em relação ao ingresso e permanência de mulheres na Polícia Militar.

Existem policiais que ainda pensam que não existe lugar para a mulher na instituição da polícia militar. Eu particularmente, não me deparei com nenhum deles, diferente de alguns colegas. Mas este já é um comportamento em extinção. Os colegas mais novos e/ou mais abertos, esclarecidos reconhecem a importância do trabalho da mulher dentro da corporação. As empresas devem tratar seus empregados como pessoas diferentes que têm qualidades, capacidades diferentes, e isso deve ser explorado para o bem de todos. (colaboradora 36 - mulher, policial).

O que se percebe no depoimento da colaboradora acima é bastante elucidativo para explicitar este contraste, que, mesmo que elas tentem o tempo todo passar a ideia de que o ambiente de trabalho é harmônico, que são respeitadas devido à capacidade que possuem para o exercício da profissão, em alguns depoimentos elas revelam que ainda existe preconceito contra as mulheres que estão inseridas neste tipo de ocupação tradicionalmente reconhecida como atividade masculina.

Em suma, pela realização dos grupos focais pode-se afirmar que os depoimentos corroboram as análises correntes dentro da literatura nacional e internacional, já que se observa um paradoxo. Por um lado, as mulheres estão conseguindo maior acesso no mercado de trabalho em consequência de uma maior escolaridade em relação aos homens, estão tendo acesso a ocupações tradicionalmente reconhecidas como masculinas (engenharia, arquitetura, medicina, polícia – civil ou militar –, construção civil, frentistas em postos de combustíveis, etc.). Por outro lado, embora estes avanços sejam importantes e tenham que ser considerados, a atividade feminina ainda é marcada por preconceito, salários mais baixos do que os dos homens que exercem as mesmas funções, e, sobretudo, pela segregação das mulheres por causa do imaginário social que reserva lugares diferenciados para homens e mulheres dentro da sociedade. (Bruschini e Lombardi, 2007).

Considerações Finais

Diante do exposto, cabe indagar: é possível falar em simetria de gênero no mercado de trabalho? Pelas argumentações apresentadas e pelos resultados da pesquisa, é notável que ainda há muito a ser conquistado. Mesmo que as desigualdades entre homens e mulheres já estejam minimizadas em muitas dimensões, em outras a diferença ainda é manifesta. No que concerne ao mercado de trabalho, mesmo que as mulheres possuam maior nível de escolaridade e qualificação, seus rendimentos ainda são, via de regra, inferiores aos dos homens nas mesmas condições de ocupação.

Por fim, temos colocadas as seguintes questões: O mercado de trabalho brasileiro conta hoje com uma maior participação das mulheres – mesmo com relação às profissões tidas como masculinas –, e mesmo que o aumento tenha sido considerável, ainda é inferior com relação aos homens. As mulheres, por sua vez, apresentam visivelmente níveis de escolaridade superiores aos dos homens e o paradoxo que se estabelece é que, ainda assim, persistem

diferenças importantes de remuneração: os homens recebem salários mais altos do que as mulheres. Na mesma direção, a divisão de ocupações por gênero permanece e exerce notável influência sobre a renda e outros indicadores de qualidade de emprego de homens e mulheres.

Assim sendo, qual deve ser a base de explicação para as desigualdades entre homens e mulheres no mercado de trabalho? O pressuposto sustentado é que a divisão de ocupações, a participação e, principalmente a diferença de rendimento podem ser explicados mais pelas construções sociais e culturais, que impõem valores e lugares distintos ao trabalho de mulheres e homens do que por características técnicas ou de escolarização.

Como discutido na contextualização teórica do presente texto, embora com alguns avanços, ainda persiste no imaginário social de homens e mulheres que os mesmos ocupam lugares sociais determinados que são definidos desde o início da socialização de ambos. Portanto, já no momento da socialização, as pessoas do sexo feminino são socializadas prioritariamente para o exercício de atividades reprodutivas e as pessoas do sexo masculino para atividades produtivas. Isso nos leva a concluir que, apesar dos avanços no mercado de trabalho, das mulheres estarem tendo acesso a atividades tradicionalmente tidas como masculinas – no caso desse texto as frentistas e policiais femininas – em relação às representações sociais, ainda há uma diferenciação entre homens e mulheres, fato que impacta a inserção das mulheres em ocupações tidas como masculinas. Seria, verdadeiramente, invasão de território se não fosse uma atitude feminina em sua essência, totalmente desprovida de cunho competitivo, consequência da incansável busca por conquistas interpretadas como materiais “aos olhos do machismo”.

Referências Bibliográficas

BRUSCHINI, Cristina.; LOMBARDI, Rosa M. (2003). **Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato da década de 1990**. In As novas fronteiras das desigualdades: homens e mulheres no mercado de trabalho. Margaret Maruani & Helena Hirata (Orgs). São Paulo: Editora SENAC.

BRUSCHINI, Cristina.; LOMBARDI, Rosa M. (2007). **Trabalho, educação e rendimentos das mulheres no Brasil em anos recentes**. In Organização, trabalho e gênero. Helena Hirata e Liliana Segnini (orgs). São Paulo: Editora SENAC.

BRUSCHINI, Cristina. (1997). **Mudanças e Persistências no trabalho feminino Brasil, 1985 a 1995**. In: Simpósio Internacional Cidadania, Trabalho Feminino e Globalização. CEDHAL/USP, Consulado Americano, Folha de São Paulo. São Paulo.

FERREIRA, Maria da Luz Alves. Et all. (2011) **Ainda precisamos avançar? Os impactos da inserção de mulheres em ocupações masculinas. As frentistas e as policiais femininas da cidade de Montes Claros – MG.** Relatório de pesquisa. UNIMONTES/FAPEMIG.

HIRATA, Helena. **Divisão Sexual do Trabalho: novas tendências e problemas atuais.** (2000) In: Gênero no mundo do trabalho. In: I Encontro de Intercâmbio de experiências do Fundo de Gênero no Brasil. Brasília.

OLIVEIRA, Ana M. H. C. (2003) **A segregação ocupacional por gênero e seus efeitos sobre os salários no Brasil.** In: VAJNMAN, S. & MACHADO, A. F. (orgs). Mercado de Trabalho: uma análise das pesquisas domiciliares no Brasil. Belo Horizonte: Ed. UFMG.

POSTHUMA, Anne Caroline.(1999). **Transformações do emprego no Brasil na década de 90.** In: Abertura e Ajuste do mercado de trabalho no Brasil: Políticas para conciliar os desafios do emprego e competitividade. Anne Caroline Posthuma. (org) Brasília: OIT/TEM; São Paulo: Editora 34.

SOUZA-LOBO, Elizabeth. (1991) **A Classe Operária tem dois sexos: trabalho, dominação e resistência.** São Paulo: Brasiliense.

SUARÉZ, Mireya. (2000). **Gênero: uma palavra pra desconstruir idéias e um conceito empírico e analítico.** In I Encontro de Intercâmbio de Experiências do Fundo de Gênero no Brasil. Brasília.